

CEDI**Povos Indígenas no Brasil**Fonte: O PopularClass.: KAR00329Data: 29.12.90

Pg.: _____

Fechem a Ilha do Bananal

Paulo Wagner Maciel Milhomem

É o mesmo. Fechem o Parque Indígena do Araguaia, fechem o Parque de Reserva Florestal e Animal do Araguaia. Concluindo: fechem a Ilha do Bananal para a criação bovina.

Ja estou por demais cansado de ouvir essa ladainha. Sou criador de gado no Estado do Tocantins, Estado este que tanto carece, como o resto do País, de produção, de gente que produza o essencial a todos nós, ou seja: comida.

Há muito se fala na depredação do Parque Nacional da Ilha do Bananal, berço de sustentação e manutenção da criação bovina em grande escala nas suas regiões ribeirinhas, que abrangem não só o Tocantins, mas o Estado de Goiás e pelo outro lado o Estado de Mato Grosso.

A depredação é visível, e dolorosa para nós que conhecemos como ninguém a região. Ela se faz presente nas queimadas sem planejamento, na pesca profissional com a participação indígena, no turismo depredador...

Nunca essa depredação teve origem na criação bovina, jamais se provará que a vaca e o peão agravaram de alguma forma a Fauna e a Floresta da Ilha do Bananal.

Mas, no entanto, o que vemos nos jornais? O que vemos na televisão diariamente?

Lemos reportagens tristes e estereotipadas sobre o que estão fazendo ao nosso meio ambiente, vemos relações de nomes de criadores da Ilha do Bananal, tratados como depredadores, invasores jogados e impostos à opinião pública como os culpados por tudo que acontece na área do parque.

Vemos na televisão imagens que mostram o parque, falando sobre a sua depredação e ao fundo um peão montado em seu burro, dando a nítida impressão de ser ele o culpado de tudo.

Chega!

Não podemos aceitar passivamente tais aberrações. E eu quero nessa oportunidade congratular-me com todos aqueles que criam gado

na Ilha do Bananal, onde não se pode fazer cercas, onde o acesso depende de vários dias de viagem sujeito a perdas no rebanho e dependendo diretamente da coragem e vontade de trabalhar daqueles que lá levam suas criações.

A vaca não destrói. O peão não depreda. O criador só está mantendo uma fonte produtiva, qual seja o da criação de matrizes (para quem não sabe, as mães dos bois que chegam aos frigoríficos). Quem disso duvida que vá ao Pantanal Mato-grossense, região similar à Ilha do Bananal e onde a criação bovina convive harmoniosamente com os recursos naturais.

O IBAMA e a FUNAI, responsáveis pela área da reserva e pela área indígena, respectivamente, não passam para opinião pública a verdade do problema. Em reportagem dada a este jornal, disse o presidente do IBAMA no Tocantins que entraram "ilegalmente" por volta de oito mil cabeças de gado na área que está sob sua tutela.

Este órgão está amparado pela Lei dos parques nacionais, porque, então, omitir os verdadeiros números? Talvez porque os desconheça. Oito mil cabeças nos nossos meses de seca, para terem uma idéia da grandiosidade do problema, bastariam dois ou três criadores para se pertazer esse número.

Fechem a Ilha do Bananal, mas assumam os riscos e consequências que tal medida trará à nossa região, ao nosso estado, que está apenas engatinhando e depende de nós para um dia poder caminhar forte e independente sobre suas próprias pernas.

Existe a Lei, e isso é inegável. Mas também existe o costume, a moral e o bom senso.

Não culpem os corajosos criadores de gado na Ilha do Bananal pelo que lá está acontecendo, pois essa imputação é leviana e infundada. Nós criadores só contribuímos com a preservação do parque, quando para lá levamos nossos rebanhos nos meses de seca. O capim comido, pisoteado pelo gado evita o fogo ou diminui suas consequências.

A Ilha do Bananal sem a criação bovina que para lá se dirige nos meses de seca (que são sofríveis na

nossa região e insuportáveis para uma criação em grande escala) durante uns dois anos de invernos normais e de severa vigilância contra o fogo, se este vier por um acidente, e acidentes acontecem, as consequências serão desastrosas.

Portanto, fechem a Ilha do Bananal, mas sejam homens suficientes para assumir os riscos daquilo que produzem ou que fazem.

Não se dirijam aos criadores como invasores, depredadores ou outros adjetivos comumente usados, pois são palavras que se destinam a outro tipo de pessoas, não a quem trabalha honestamente, a quem nunca teve um mês de férias, a quem não tem poltrona nem ar condicionado e que pouco entende de portarias e resoluções, mas sabe muito bem o que seja justo e injusto.

Não somos gananciosos e nem vivemos dos cofres públicos. Somos componentes de uma área que um dia será organizada e mostrará sua força contra certas arbitrariedades e desmandos de quem não sabe de onde vem e quer mandar para onde ir.

Os criadores de gado na Ilha do Bananal são fontes de riqueza para toda uma região, geram empregos e trabalham naquilo que se pode chamar a matéria-prima do que chega ao açougue, ao frigorífico, a mesa de cada família, qual seja a criação de vacas.

Enfim, fechem o parque nacional do Araguaia (Ilha do Bananal), pois a Lei proíbe criação bovina em áreas de reserva e indígenas, e disso sabemos. Mas não culpem o produtor que ali cria seu gado em alguns meses do ano. Pois se providências não forem tomadas o fogo continuará e bem pior do que antes, a depredação pesqueira seguirá em frente, pois não existe proibição de entrada de qualquer pessoa no parque, desde que não leve uma vaca em sua companhia.

O nosso interesse não é ir contra a Lei, pelo contrário queríamos uma que nos amparasse, como não temos apelamos para o mínimo de justiça social, qual seja o tratamento digno e respeito por parte dos órgãos que tutelam a Ilha, e que passem para opinião pública a verdade dos fatos e não mais usem os criadores como bode expiatório.